

A ÉTICA DO CUIDADO DE SI COMO PRÁTICA DE LIBERDADE DE MICHEL FOUCAULT E O SER DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Marina Contarini Boscariol
Maísa Ferreira

A ética do cuidado de si como prática de liberdade é o título de uma entrevista dada por Michel Foucault em 20 de janeiro de 1984 publicada na revista internacional de filosofia do mesmo ano e posteriormente traduzida no Brasil e publicada no livro *Ditos e Escritos*, o qual reúne diferentes obras do autor não publicadas.

O interesse dos entrevistadores se dá principalmente sobre o objeto de pensamento de Foucault naquele período, em que problematizava a subjetividade e as manifestações da verdade sobre os sujeitos. O autor argumenta, então, que embora tenha organizado a reflexão por caminhos diferentes, a subjetividade e a verdade sempre foram sua preocupação, desde seus primeiros trabalhos,³ que buscam compreender de que forma os discursos sobre os indivíduos se constituem.

Esse jogo que constitui as formas de conduzir-se dos sujeitos são colocados por Foucault como *práticas*

3 Referia-se aos livros *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber*.

de si – que entendemos como um exercício dos sujeitos sobre si mesmos, a fim de cuida-se para conhecer-se. Conceito importante para o autor, que ressalta que as mesmas tinham uma autonomia muito maior nas sociedades greco-romanas do que quando incorporadas as instituições da sociedade contemporânea como a igreja católica que irá tratar das práticas de si como renúncia do si, do corpo, para a elevação da alma, a salvação; e as clínicas e hospitais que trabalham as práticas de si como cuidados médicos e psicológicos a partir de concepções científicas de saúde/doença demência/sanidade mental, entre outros.

É importante deixar claro que Foucault não propõe que incorporemos o pensamento grego sobre o cuidado de si aos dias de hoje, mas que nos ajude a pensar como, enquanto sujeitos podemos participar ativamente da constituição do si. O autor, então, argumenta em defesa de retomarmos as práticas de si como uma prática ascética, no sentido mais geral, como um exercício de si sobre si mesmo, determinante, também, para o *exercício da liberdade*, conceito importante em seus trabalhos e de interesse dos entrevistados. Sobre a liberdade, Foucault assume que não basta liberar-se, ou libertar-se das amarras. Para o autor o problema ético da definição das práticas de liberdade é mais importante do que a afirmação de que é preciso liberar-se, liberar os desejos, a sexualidade – que são preocupações, também, específicas do autor.

Libertar-se das amarras que reprimem os desejos e/ou liberar os desejos não pode ser

confundido com praticar a liberdade em Foucault. As práticas de liberdade indicam um intenso trabalho de si sobre si mesmo no sentido de não se deixar, principalmente, escravizar-se pelos desejos e conseqüentemente tornar-se um tirano de si e dos outros. Aqui ele retoma novamente os antigos gregos que problematizam a liberdade como um problema ético – que da palavra *êthos*, significa *formas de conduzir-se* – o que implica também uma relação com o outro, no sentido de administrar bem os espaços de poder e as relações.

Durante a entrevista muitas são as questões que permeiam o conceito de *poder* em Foucault o que faz com que ele deixe claro que quando se refere a esse termo, está na verdade trabalhando com *relações de poder*, que ele define como as relações em que as pessoas procuram dirigir a conduta do outro. As principais características das relações de poder, segundo o autor, são a mobilidade e a instabilidade, o que permite reversibilidade da condição de exercer poder sobre o outro. Não há relações de poder em situações de extrema violência e domínio, o que demarca a diferença entre relação de poder e *estado de dominação* – quando o exercício de poder de um grupo sobre outro impede que as relações de poder se modifiquem. Desse modo, uma condição importante para as práticas de liberdade é a presença das relações de poder.

As relações de escravidão e abusos de poder representam espaços nos quais práticas de liberdade

são quase nulas. Pode-se dizer, assim, com Foucault, que escravos de seus apetites e desejos estão distantes dessas práticas. Nesses casos práticas de liberdade devem ser acompanhadas de um processo de liberação de determinada relação de dominação para que se abram outras relações de poder. Ainda assim, liberar-se por liberar-se não garante a prática da liberdade, para isso é preciso cuidar de si.

Durante a entrevista, Foucault também aborda que os antigos gregos, para conduzir-se bem e praticar devidamente a liberdade, era necessário ocupar-se de si, cuidar de si e ao mesmo tempo se conhecer, conhecer um conjunto de regras de conduta que são simultaneamente verdades estabelecidas em determinado período de tempo e espaço.

Essas verdades, ou melhor dizendo, com Foucault, jogos de verdade são construções históricas e culturais que se relacionam com o sujeito e as formas com que ele se constitui em determinados contextos. O autor deixa claro sua recusa em construir uma teoria do sujeito como na fenomenologia ou no existencialismo. Foucault volta sua atenção para como o sujeito entra em certos jogos de verdades e por que cuidamos de nós mesmo através da preocupação com a verdade – verdades dadas pela medicina, pela psicologia, pela pedagogia. O que acarreta uma outra preocupação: as condições que garantem a perpetuação desses jogos de verdade.

Ao se referir à palavra jogo, o autor indica um

conjunto de regras de produção, o que se distancia da problemática das representações e imitação. Com isso, Foucault reforça durante sua fala na entrevista que ele não está dizendo que as coisas não existem, ele apenas lança luz às condições e técnicas que permitem as produções das coisas, produções estas permeadas pelas relações de poder. Aqui, o autor também chama atenção para a dimensão positiva do poder. Não se pode atribuir a Foucault a ideia de que o poder controla todas as coisas e não permite a liberdade. Como dito anteriormente, essas são características dos estados de dominação. Pensando com o autor, podemos dizer que só há liberdade porque as relações de poder estão por todos os lados.

Diante dessas questões, o entrevistador coloca em questão os problemas de comunicação na sociedade, argumentando que em uma comunicação mais transparente os jogos de verdade talvez fossem mais independentes das estruturas de poder. Aqui Foucault demarca que, para ele, os jogos de comunicação compõem e revelam as relações de poder, sendo de ordem utópica pensarmos nessa comunicação isenta de efeitos coercitivos. Retoma-se, aqui, a questão central dessa entrevista: de que as relações de poder não são más em si, se as entendermos como estratégias pelas quais uns tentam determinar a conduta de si e do outro. E a chave da ética como condição refletida da liberdade permite-nos jogar com o mínimo de dominação possível sobre o outro e/ou sobre nós mesmos.

Para entendermos, então, as práticas de si e o

praticar a liberdade, Foucault trabalha com o conceito de “cuidado de si”, já mencionado anteriormente. Ele retoma então, dos antigos gregos, a prática de ocupar-se de si para se conhecer-se, de compreender quais jogos de verdades conduzem as ações dos sujeitos, o que se assume como condição de existência. Foucault coloca que a partir de certo momento, nas nossas sociedades esse cuidado de si se tornou algo suspeito, tido como amor exagerado a si mesmo, egoísmo.

A crítica do autor se instala na afirmação de que para os antigos gregos o cuidado de si não poderia por si só tender para o egoísmo e a negligência ao outro. Quem cuida de si não cede aos desejos e apetites, busca compreender quais condições permitiram que determinados desejos se tornassem desejos. Assim, quem cuida de si não exerce poder tirânico sobre o outro. “É o poder sobre si que vai regular o poder sobre o outro” (p. 266).

Percebe-se aqui que a constituição do sujeito se dá de maneira ativa por meio das práticas de si – e não apenas por determinação do contexto –, práticas essas que são próprias de cada indivíduo, o que permite ao sujeito inventá-las e, por conseguinte, inventar-se e assim, praticar a liberdade, transformar-se e atingir outros modos de ser. O que não extingue as relações de poder que estarão sempre atravessando esses modos de conduzir-se e conduzir o outro. Para Foucault, praticar a liberdade também é uma forma de controle, demandando posicionamento político.

De forma a construir a argumentação nesse sentido, o autor recorre a Sócrates – por Platão, em *Alcibiades* – o qual cuida do cuidado de si do futuro governante – a principal questão para Sócrates, nesse momento, seria que, se Alcibiades quisesse tornar-se um homem político que se ocupa da cidade e dos outros, ele deveria ocupar-se, primeiro, de si mesmo. Neste ponto, Foucault ressalta o aparecimento do cuidado de si como condição pedagógica e ética para a constituição de um bom governante, o que demonstra esse caráter político das práticas de si e de liberdade.

Pode-se entender então esse cuidado de si como uma análise das técnicas de poder que constituem os sujeitos, permitindo-os assumir determinadas formas de poder e renunciar outras. Com isso, Foucault traz a noção de governabilidade para pensar a análise de poder não só a partir das instituições políticas – que, segundo ele, limitam o sujeito ao sujeito de direito. Mas para pensar a análise de um conjunto de práticas por meio das quais pode-se construir, definir, instrumentalizar as estratégias que os sujeitos podem ter uns em relação aos outros nesse jogo de assumir e renunciar determinadas formas de conduzir-se. Por fim, ele coloca que é tarefa da filosofia advertir sobre os perigos do poder, entendendo-a como aquela que questiona os fenômenos de dominação em qualquer nível e de qualquer forma.

Inspirações para a Educação Física Escolar

Optamos por trabalhar com esta entrevista de Foucault pois nela ele traz de forma geral um caminho - de desvios - percorrido em suas obras, centrando-se no sujeito e nas práticas que o constituem. Essa questão nos inspirou a pensar a constituição do sujeito “professora de Educação Física” a partir das relações de poder que se estabelecem historicamente e se apresentam nos discursos produzidos sobre esse ser professora e nas relações de poder estabelecidas cotidianamente - como costumam dizer: no chão da escola!

A Educação Física escolar é historicamente um campo no qual diferentes concepções pedagógicas disputam espaço. Concepções estas que podem ter, a depender de cada uma, como objetos de estudo a educação do movimento, a educação pelo movimento, a saúde, a cultura corporal, a cultural corporal de movimento, entre outros. De forma a contemplar essas questões, os cursos de formação trabalham com essas perspectivas e formam professoras para atuar de acordo com algumas delas. Concordamos que existem as hegemônicas que irão produzir discursos que serão apropriados e reproduzidos em diversos âmbitos do trabalho.

É comum escutarmos na escola que precisamos ensinar “valores” por meio do esporte, que precisamos motivar os alunos com brincadeiras, que

precisamos criar neles gosto por atividades físicas porque as crianças de hoje são muito gordas, que precisamos cansá-los para que eles parem sentados nos momentos em sala de aula. Discursos, estes que foram produzidos em certos contextos e que se consolidaram e mantiveram força, devido a determinadas condições sociais para produzir, formas de ser professora.

É importante ressaltar que as concepções pedagógicas da Educação Física estão associadas a movimentos educacionais como o escolanovismo o reprodutivismo educacional, a pedagogia histórico-crítica, etc., o que indica que os mesmos se apoiam em determinadas concepções de sujeitos e de mundo. Ou seja, atuar a partir de uma determinada perspectiva de Educação Física implica estar ancorado a uma compreensão filosófica mais ou menos explícita de sujeito e assumir determinada concepção de mundo. A questão é: será que estamos alertas a essas formas de poder que assumimos como verdades quando selecionamos algumas atividades para compor nossas aulas?

Tomando a questão do cuidado de si como prática de conhecer-se, quais seriam as possíveis saídas para um cuidado de si docente e um conseqüente conhecer-se docente, para que assim possamos falar em liberdade? Parafraseando Foucault, é necessário analisar as técnicas de poder que nos capturam estando atentas aos discursos que reproduzimos sobre a Educação Física, sobre os alunos, sobre a instituição escolar, sobre as colegas professoras. Cuidar da

docência diante dessas questões seria experimentar técnicas que possibilitassem compreender por que dizemos o que dizemos, porque fazemos o que fazemos, entendendo que nenhuma forma de poder é intrinsecamente legítima, mas sim produto de construção. E mais: cuidar da docência implica compreender que os discursos que constituem cada docência são parte de um processo histórico e cultural e que atendem aos projetos de mundo dos grupos sociais que se empenham em produzir essas formas, sempre interessadas, de ser docente. Desse modo, cuidar de si pressupõe conhecer esse jogo de forças que nos constitui e impulsiona, permitindo que recusemos determinadas formas de agir e assumamos outras. Cuidar da docência, assim, é assumir posições que são sempre políticas, porque são sustentadas por leituras de mundo, de sociedade, de escola e de sujeito e engendram propostas para intervir num determinado sentido, com certos propósitos. Essa assunção de uma posição, contudo, não se pode fazer com liberdade sem que a professora se empenhe em reconhecer sua própria docência como parte dessas disputas social e historicamente produzidas por forças e ideias que buscam sempre assumir legitimidade e garantir o posto de autoridade sobre outras formas. É reconhecendo isso e identificando esses discursos que vão constituindo seu próprio ser docente que a professora pode exercer um cuidado de si docente e praticar a liberdade nas relações de poder curriculares.

Ao problematizar e compreender alguns

aspectos de constituição dessa docência que se dá desde os primeiros contatos com figuras de professores, podemos pensar nas práticas de liberdade. Para Foucault, a ética é condição refletida da liberdade, ou seja, não praticamos a liberdade se não tentarmos jogar com o mínimo de dominação possível. E isso nos faz pensar na relação professora/aluno(a)/professora.

Nessa mesma entrevista, ao ser questionado sobre a atribuição de um valor ao poder, Foucault coloca que:

Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas; o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas – nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário; um estudante, à tutela de um professor autoritário etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regra de direito, de técnicas racionais de governo e êthos, de prática de si e de liberdade (p. 278).

Praticar a liberdade também é uma forma de exercer poder sobre o outro, mas ela implica compreender este outro como produtor de saberes. Se,

em determinada ordem discursiva, nós docentes nos encontramos em graus de autoridade em relação aos alunos, em outras podemos considerar uma reversibilidade destes vetores de força.

Parece estranho pensar o sujeito professora deslocada desse lugar da autoridade no instante da aula, mas ao invés de deslocar podemos compartilhá-lo. Defendemos, então, o momento da aula também como um momento de prática de si para os alunos, de forma que os estudos das práticas da cultura corporal trabalhadas nas aulas permitam que eles compreendam a si e inventem outras formas de se constituírem sujeitos. Exemplificando, ao trabalhar com a prática específica do Jiu Jitsu, muitos discursos sobre a mesma serão suscitados, discursos que representam códigos que determinam a existência da modalidade e discursos atribuídos a ela a partir de “jogos de verdade” interessados a outras áreas e instituições da sociedade. Ao estudar a prática e esses discursos de modo a compreendê-los como produção cultural e histórica e não como algo essencialmente verdadeiro, abrem-se espaços para que os sujeitos envolvidos nesses estudos se vejam como potentes produtores.

Consideramos também o deixar-se afetar pelas coisas como condição desse praticar a si mesmo. Diante das relações diárias e de certa forma repetitivas, como professora-escola, professora-alunos, professora-colegas, é comum que as coisas passem inquestionadas e nos tornemos alheias a elas, não nos expondo a experiências outras e não permitindo que essas nos

transformem. O que pode indicar que a inserção em determinados jogos de verdade, e a não abertura a compreendê-los e a não consideração de outros estão limitando o alcance da constituição desse ser docente, da escola.

A proposta então é: cuidemos da docência de forma a analisar as estratégias e condições das manifestações da verdade sobre a Educação Física e sobre o ser professora de Educação Física em relação aos outros sujeitos da escola. Expondo-nos às experiências, deixando-nos afetar e estando atentos aos momentos nos quais somos capturados pelos desejos incutidos à docência – como ser o centro do conhecimento, ser a autoridade, entre outros – para que esses não nos tornem tiranos de nós mesmos e dos outros.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**. Ética, Sexualidade e Política. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p. 258-280.